

Índice

1. O Filho do Céu	9
2. O Setor de Reeducação	25
3. Uma Chuva de Flores	39
4. Luz e Sombras	55
5. Liberdade	59
6. Os Dois Lados	77
7. O Êxodo	79
8. Revolver Céu e Terra	101
9. A Estranha Colina	111
10. A Capital da Província	129
11. O Incêndio	141
12. O Plantio	161
13. A Grande Fome (I)	191
14. A Grande Fome (II)	209
15. Luz	267
16. Manuscrito	287

Capítulo 1

O Filho do Céu

1. *O Filho do Céu*, pp. 13-16

A grande terra e o caminho mortal regressaram juntos.

Depois do outono, a imensa vastidão foi aplanada, e as pessoas pareciam pequenas e insignificantes. Uma estrela negra começou a crescer. As casas no setor de Reeducação apartaram os céus e dividiram a terra. As pessoas instalaram-se aí. E assim aconteceu. Juntos, a grande terra e o caminho mortal regressaram. O sol dourado começou a pôr-se. E assim aconteceu. A luz era espessa e pesada, cada raio de sol pesava sete ou oito *liangs** e caíam uns atrás dos outros, criando uma densa floresta. O Rapaz dançava sob a luz do sol-pôr. O ar quente oprimia-lhe dolorosamente os pés, o peito e as costas. O seu corpo empurrava o ar quente, e o ar quente esmagava-o. As casas do setor de Reeducação eram todas feitas com telhas e tijolos velhos, e estavam envoltas na luz de um caos primordial. Na imensa vastidão, os céus apartaram-se e a terra abriu-se. As pessoas instalaram-se, e assim aconteceu. A luz era boa, e Deus separou a luz das trevas. Chamou *dia* à luz e *noite* às trevas. Agora havia manhã e entardecer. Ao período que antecedia a escuridão chamou *crepúsculo*. O crepúsculo era bom. As galinhas recolhiam à capoeira, as ovelhas regressavam ao redil, e os bois eram desatrelados dos arados. Toda a gente largava o trabalho.

* Um *liang* equivale a 50 gramas. (N. T.)

O Rapaz regressou, seguindo o caminho mortal. As portas da Reeducação abriram-se. O Rapaz assobiava, e conforme o som ecoava pela terra, as pessoas começavam a chegar, umas atrás das outras. Deus disse: Que entre as águas haja ar. Ele criou o ar e separou em duas regiões as águas abaixo e acima do ar. Foi assim que aconteceu. À região de cima chamou *firmamento*, e terra à de baixo. A terra sustinha as pessoas, que chegaram umas atrás das outras.

O Rapaz disse: “Acabei de chegar da vila, e vou agora anunciar os dez mandamentos.”

E começou a lê-los. Eram dez proibições, incluindo:

- 1) Quando descansardes, não trabalhareis desnecessariamente;
- 2) Quando trabalhardes, não falareis desnecessariamente;
- 3) Quando lavrardes os campos, competireis para ver quem consegue a maior colheita, para o que haverá prémios e castigos;
- 4) Ajudar-vos-eis uns aos outros a evitar a luxúria, que não ficará impune;
- 5) Todos os livros e tinta serão confiscados. Não lereis nem escrevereis desnecessariamente, nem pensareis desnecessariamente;
- 6) Não bisbilhotareis nem caluniareis.

Eram ao todo dez mandamentos, sendo o último: “Não fugireis, e seguireis as regras e os regulamentos. Quem fugir receberá um certificado.” Antes do cair da noite, o crepúsculo começou a escurecer a terra. No setor de Reeducação foram erguidas casas novas. Fileiras e fileiras de casas, em frente das quais havia pátios e ulmeiros. E pássaros nas árvores. Deus disse: Que haja seres vivos de todas as espécies, incluindo gado, vermes, pássaros e animais selvagens. Também havia aves de capoeira, de todos os tipos, bem como insetos, de todos os tipos. Ele viu que isto era bom, e disse: Criaremos o homem à Nossa imagem e conceder-lhe-emos domínio sobre os peixes no mar, as aves no céu, e os animais que andam sobre a terra. Disse: Vede, dei às pessoas plantas que produzem semente e fruto, para que possam comer. Quanto aos animais que percorrem as terras e aos pássaros que cruzam os céus, bem como a todos os outros seres vivos, dei-lhes erva verde para comerem. Com isto, tudo está

completo. Deus viu que tudo quanto criara era bom. Havia variedade. Havia ordem. Havia um sorriso no Seu rosto.

O Rapaz disse: “Há dez mandamentos, o décimo dos quais é: Não fugireis, seguireis as regras e os regulamentos, e quem fugir receberá um certificado.” O Rapaz pegou no seu certificado, impresso em papel branco com rebordo vermelho. Na parte superior do certificado viam-se a bandeira do país e a palavra *certificado*. Havia um espaço vazio, onde normalmente estaria o texto, contendo apenas a imagem de uma bala — uma bala dourada. “Fui à vila, e estou de volta”, disse o Rapaz. “Os dirigentes pediram-me que vos entregasse isto, e assim estou a fazer. Os dirigentes disseram que quem tentar fugir receberá, além deste certificado, uma bala a sério.”

E assim aconteceu.

O Rapaz distribuiu os certificados um a um, pedindo a todos que os afixassem por cima da cama ou os guardassem debaixo da almofada, e que os tivessem sempre presentes na memória. A noite caía, e o crepúsculo era bom. As galinhas recolhiam às capoeiras, as ovelhas regressavam aos redís, e os bois eram libertados dos arados. Toda a gente largou o trabalho, e então o Rapaz disse: “No fim do outono, todos têm de semear os campos. Cada um receberá três a cinco *mus** de terra. Um camponês produz em média cerca de duzentos *jins*** de trigo por *mu*, mas vocês têm mais capacidades intelectuais, e por isso peço-vos que produzam pelo menos quinhentos *jins* por *mu*. Como os dirigentes disseram, a nação controla tudo o que existe debaixo do céu. Os Estados Unidos são um monte de merda, e a Inglaterra, a França, a Alemanha e a Itália são um monte de merda, de bosta e de fezes. Revolveremos o céu e a terra, e daqui a dois ou três anos alcançaremos a Inglaterra, ultrapassaremos mesmo os Estados Unidos. Os dirigentes disseram que vocês têm de semear trigo e fundir aço. Cada pessoa tem de fundir em média um forno de aço por mês. Como vocês têm mais capacidades intelectuais, não podem produzir menos do que os camponeses.”

Os dirigentes haviam-se pronunciado, e assim aconteceu.

* Um *mu* equivale a cerca de 667 metros quadrados. (N. T.)

** Um *jin* equivale a 500 gramas. (N. T.)

“Se não lavrarem os campos nem produzirem aço, não há problema”, disse o Rapaz. “E se decidirem fugir, também não há problema. Noutros setores, algumas pessoas foram premiadas com balas a sério. Porém, se decidirem fugir, só vos peço uma coisa. Eu vou buscar uma gadanha e, se não quiserem lavar os campos nem fundir aço, e se também não quiserem uma bala, então têm de me cortar ao meio com a gadanha...”

“Eu serei cooperante, e se me cortarem ao meio podem ir-se embora. Podem ir para onde quiserem...”

“É só isto que vos peço, que me cortem ao meio. Assim não terão de trabalhar nos campos nem de fundir aço. Podem ir simplesmente embora.”

A noite caiu. E assim aconteceu. Quando a noite chegou, a terra e o céu fundiram-se, formando uma massa verde e escura. As pessoas dispersaram, cada uma com o seu certificado impresso em papel branco com rebordo vermelho, no cimo do qual estavam a bandeira e o emblema nacionais, juntamente com a palavra *certificado*. Todavia, no lugar onde normalmente ficaria o texto, estava a imagem de uma bala — uma enorme bala dourada que parecia um fruto gigantesco. Deus disse: Haverá nos céus uma massa luminosa, capaz de iluminar o céu e de alumiar a terra, demarcando os dias e os anos. E assim aconteceu. Deus criou então duas imensas esferas de luz, chamando à maior *dia* e *noite* à mais pequena. Criou ainda uma miríade de estrelas, que espalhou pelo céu noturno. Viu que tudo era bom. A terra fora criada. Havia manhã e havia noite. Antes do cair da noite, havia crepúsculo. Depois do crepúsculo, havia noite. Quando a noitinha se aproximava, tudo estava em paz. A terra estremeceu, reverberando pela superfície terrestre, enquanto a erva murmurava, ecoando pelo céu. Havia pardais a regressar aos ninhos. Havia o abatimento das pessoas. Cada uma levava o seu certificado como se fosse uma flor grande. Mas iam todas caladas e abatidas, como flores que começam a murchar com a chegada do outono, feridas pela noite.

E foi assim que aconteceu. O Rapaz voltou para o seu quarto. Por toda a terra tudo ficou em silêncio. Esta quietude sustinha os pés das pessoas, como se flutuassem na água.

2. *O Filho do Céu*, pp. 19-23

A terra e o céu foram virados do avesso, os céus apartaram-se e a terra dividiu-se.

As pessoas competiram entre si para conseguir a colheita mais abundante. Lavraram o solo e semearam o trigo. Aquele era o nono mês, e o vasto firmamento estava deserto, a fragrância do outono ia impregnando a planura. O sol brilhava onde queria; e onde não queria, não brilhava. O mesmo fazia o vento. Se queria sacudir as copas das árvores, elas balançavam de um lado para o outro; se queria despentear as pessoas, o rosto delas arrepiava-se; e se queria percorrer os campos, a terra tremia e a erva sussurrava. As margens do rio Amarelo ficavam longe. Não se conseguia ver a sua corrente, só se viam os campos abertos que iam dos setores de Reeducação até à margem. Não havia povoados à vista e tudo o que se via eram as multidões da Reeducação.

Cada setor de Reeducação ficava longe dos restantes, e quase não havia comunicação entre eles.

As pessoas espalhavam-se pelos campos e lavravam-nos. Mal acordavam de manhã, iam lavar os campos. Depois do pequeno-almoço, lavravam os campos. Ao meio-dia, lavravam os campos. Este era o setor 99. Os dirigentes disseram: Vamos declarar as terras e as colheitas dispersas ao longo das margens do rio Amarelo como regiões da Reeducação. E assim nasceu a Reeducação. Os dirigentes disseram: Vamos atribuir um número a todas as pessoas da região e reeducá-las pelo trabalho árduo. O céu cuidará da terra, e a terra, das pessoas. Elas que trabalhem arduamente. Serão dirigidas por outras que fundarão um setor n.º 1, um setor n.º 2, ... até ao n.º 99. Os dirigentes também disseram: Isto é bom. Que trabalhem arduamente; dessa forma poderão ser reeducadas e tornar-se dignas de louvores. Que labutem dia e noite para assim se poderem corrigir e tornar homens novos. Não interessa de onde vêm — de Pequim, do Sul, da capital da província ou de uma zona próxima —, e não interessa se eram catedráticos, quadros permanentes, eruditos, professores ou pintores, todos terão de vir para cá, para trabalhar e criar, para se educarem e converterem em homens novos. Ficarão aqui dois, três, cinco, oito anos, ou até a vida toda.

E assim aconteceu. Foi desta maneira que nasceu o trabalho forçado e a Reeducação.